

Elisabeth Roudinesco  
Michel Plon

# DICIONÁRIO DE PSICANÁLISE

TRADUÇÃO:

Vera Ribeiro  
*psicanalista*

Lucy Magalhães  
*letras neolatinas*

SUPERVISÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA:

Marco Antonio Coutinho Jorge  
*psiquiatra e psicanalista*

BIBLIOTECA  
DO IEPP



ZAHAR

Título original:  
*Dictionnaire de la psychanalyse*

Tradução autorizada da primeira edição francesa  
publicada em 1997 por Librairie Arthème Fayard,  
de Paris, França

Copyright © 1997, Librairie Arthème Fayard

Copyright da edição em língua portuguesa © 1998:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
editora@zahar.com.br  
www.zahar.com.br

Não pode circular em Portugal.

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98)

Este livro, publicado no âmbito do programa de auxílio à publicação,  
contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores,  
da Embaixada da França no Brasil e da Maison française do Rio de Janeiro.

Revisão de texto: André Telles  
Revisão tipográfica: Lincoln Natal Jr.  
Preparação de bibliografia: Marcela Boechat  
Preparação de índice: Nelly Telles  
Capa: Carol Sá

CIP-Brasil. Catalogação-na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R765d	Roudinesco, Elisabeth, 1944 — Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Couti- nho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.  Tradução de: Dictionnaire de la psychanalyse Inclui bibliografia ISBN 978-85-7110-444-0  1. Psicanálise — Dicionários. I. Plon, Michel. II. Título.  98-1608	CDD: 150.19503 CDU: 159.964.2(038)
-------	---	---------------------------------------

1966 • Roger Bastide, *Le Rêve, la transe, la folie*, Paris, Flammarion, 1972 • François Laplantine, *L'Ethnopsychiatrie*, Paris, Éditions Universitaires, 1973; *Antropologia da doença* (Paris, 1986), S. Paulo, Martins Fontes • Marc Augé, "Ordre biologique, ordre social: la maladie, forme élémentaire de l'événement", in M. Augé e C. Herzlich (orgs.), *Le Sens du mal. Anthropologie, histoire, sociologie de la maladie*, Paris, Éd. des Archives Contemporaines, 1984 • Jacques Jouanna, *Hippocrate*, Paris, Fayard, 1992.

➤ ANTROPOLOGIA; ESQUIZOFRENIA; FROMM, ERICH; HORNEY, KAREN; HIPNOSE; ÍNDIA; KARDINER, ABRAHAM; MEAD, MARGARET; PSICOTERAPIA; SACHS, WULF; SULLIVAN, HARRY STACK.

## eu

al. *Ich*; esp. *yo*; fr. *moi*; ing. *ego*

**Termo empregado na filosofia e na psicologia para designar a pessoa humana como consciente de si e objeto do pensamento. No Brasil também se usa "ego".**

**Retomado por Sigmund Freud\*, esse termo designou, num primeiro momento, a sede da consciência. O eu foi então delimitado num sistema chamado primeira tópica\*, que abrangia o consciente\*, o pré-consciente\* e o inconsciente\*.**

**A partir de 1920, o termo mudou de estatuto, sendo conceituado por Freud como uma instância psíquica, no contexto de uma segunda tópica que abrangia outras duas instâncias: o supereu\* e o isso\*. O eu tornou-se então, em grande parte, inconsciente.**

**Essa segunda tópica (eu/isso/supereu) deu origem a três leituras divergentes da doutrina freudiana: a primeira destaca um eu concebido como um pólo de defesa\* ou de adaptação à realidade (*Ego Psychology\**, *annafreudismo\**); a segunda mergulha o eu no isso, divide-o num eu [*moi*] e num Eu [*je*] (sujeito\*), este determinado por um significante\* (*lacanismo\**); e a terceira inclui o eu numa fenomenologia do si mesmo ou da relação de objeto\* (*Self Psychology\**, *kleinismo\**).**

Henri F. Ellenberger\* dá mostras de excessiva severidade ao escrever, a propósito da segunda tópica freudiana, que "o eu não passa de um antigo conceito filosófico, vestido numa nova roupagem psicológica". Sem dúvida, Freud foi tão pouco inventor do termo "eu" quanto criador dos termos inconsciente e consciente. A idéia de eu, muitas vezes sinônima da de consciência, de fato está presente nas obras

da maioria dos grandes filósofos, sobretudo os alemães, desde meados do século XVIII. E, ante a constatação das experiências mesmerianas, Wilhelm von Schelling (1775-1854) e Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) relativizaram a importância do eu em sua concepção do funcionamento mental. Essas referências filosóficas constituem o pano de fundo contra o qual se desenvolveram as primeiras etapas de uma psiquiatria dinâmica\* que procurava desvincular-se das concepções organicistas do funcionamento do espírito humano.

Assim, podemos considerar que Wilhelm Griesinger (1817-1869), inspirador de Theodor Meynert, foi um dos ancestrais de Freud. Nomeado diretor, em 1860, do novíssimo hospital psiquiátrico de Zurique, o Burghölzli, Griesinger foi um dos primeiros psiquiatras a afirmar que a maioria dos processos psicológicos decorria de uma atividade inconsciente. Ele elaborou uma psicologia do eu cujas distorções são tidas como resultantes do conflito que opõe esse eu a representações que ele não consegue assimilar.

Meynert\*, cujas aulas Freud acompanhou em 1883, formulou, por sua vez, uma concepção dual do eu, fazendo uma distinção entre o eu primário, parte inconsciente da vida mental que tem sua origem na infância, e o eu secundário, ligado à percepção consciente.

Encontramos a marca desse ensino na primeira grande elaboração teórica de Freud, seu "Projeto para uma psicologia científica". Desde esse momento — e nisso se situa a contribuição freudiana —, o eu se inscreve na trama da análise do conflito psíquico. Assim, nessa primeira síntese teórica, evocando o conflito entre a "atração provocada pelo desejo\*" e a tendência ao recalçamento\*, cujo teatro é o sistema neuronal concernido nas excitações endógenas, Freud discerne a existência de uma "instância" cuja presença entrava a passagem das quantidades energéticas, quando esse fluxo é acompanhado de sofrimento ou de satisfação. "Essa instância", diz Freud, "chama-se o 'eu' (...). Descrevemos (...) o eu dizendo que ele constitui, em qualquer momento dado, a totalidade dos investimentos\* desse sistema neuronal." Esse eu tem um modo duplo de funcionamento: esforça-se por se livrar dos investimentos dos

quais é objeto, procurando a satisfação, e tenta, por meio do processo que Freud denomina de inibição, evitar a repetição de experiências dolorosas.

Antes mesmo da redação do “Projeto”, Freud abordou o papel do eu nas elaborações preliminares que são os manuscritos enviados a Wilhelm Fliess\*. Assim, em 24 de janeiro de 1895, no manuscrito H, ele fala da natureza das relações conflitivas com o eu. As formas de que esse conflito se reveste permitem distinguir as diferentes afecções psíquicas: histeria\*, idéias obsessivas, confusões alucinatórias e paranóia\*. Numa carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896, onde surge pela primeira vez a idéia de aparelho psíquico, o eu, qualificado de “oficial”, é assemelhado ao pré-consciente. Mas essa característica não é retomada no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos\**, onde a primeira tópica é integralmente teorizada.

Em seguida, a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade\**, o eu é pensado como o lugar de um sistema pulsional do qual irão diferenciar-se, por apoio\*, as pulsões sexuais, conclamadas a se tornarem completamente distintas. As pulsões do eu, portanto, ficam a serviço da autoconservação do indivíduo, incluindo a totalidade das necessidades primárias orgânicas não sexuais.

A reformulação que começou a se efetuar com a introdução do conceito de narcisismo\*, em 1914, contribuiu para conferir ao eu um lugar de primeiro plano. Em seguida aos trabalhos de Karl Abraham\*, o estudo das psicoses\* permitiu estabelecer que o eu podia ser sede de um investimento libidinal, como qualquer objeto externo. Surgiu assim uma libido\* do eu, oposta à libido objetual, com Freud enunciando a hipótese de um movimento de balança entre as duas. A partir daí, o eu deixou de ter apenas o papel de mediador perante a realidade externa, sendo também objeto de amor e se tornando, em virtude da distinção entre narcisismo primário — que pressupõe a existência de uma libido no eu — e narcisismo secundário, um reservatório de libido.

Com o artigo “Luto e melancolia”, publicado em 1917, Freud introduziu outras modificações importantes, em especial a idéia de uma diferenciação funcional efetuada a partir do eu.

Parte do eu, instância de ordem moral, instala-se numa posição crítica diante da parte restante do eu. Essa diferenciação, já esboçada no texto sobre o narcisismo, constitui a primeira versão do que viria a ser o ideal do eu\* e, mais tarde, o supereu.

O eu é afetado, enfim, em sua própria constituição, pelo processo de identificação\*: em alguns casos, pode trazer a marca, traço único, de uma relação com um outro. A identificação com esse traço pode levar à transformação do eu segundo o “modelo” desse outro. Em *Psicologia das massas e análise do eu\**, são as identificações dos indivíduos em seu eu que, comandadas pela instalação de um único e mesmo objeto no ideal do eu de cada um, permitem a constituição de uma multidão organizada.

Em 1923, em *O eu e o isso\**, o eu torna-se uma das instâncias da segunda tópica, caracterizada por um novo dualismo pulsional, que opõe as pulsões de vida às pulsões de morte.

Se o eu continua a ser o ancoradouro defensivo em relação às excitações internas e externas, se seu papel realmente consiste em refrear os ímpetus passionais do isso e em substituir o princípio de prazer\* pelo princípio de realidade, se, provido do que Freud denomina de “calota acústica”, lugar de recepção dos traços mnêmicos deixados pelas palavras, o eu se encontra no cerne do sistema perceptivo, e se, por fim, ajudado pelo supereu, ele participa da censura\*, a novidade reside, antes de mais nada, no fato de que uma parte do eu, “e Deus sabe que parte importante do eu”, insiste Freud, é inconsciente. Não, esclarece ainda Freud, no sentido latente do pré-consciente, mas no sentido pleno do termo inconsciente, já que a experiência psicanalítica demonstra, precisamente, como é difícil ou até impossível levar ao consciente as resistências\* enraizadas no eu, que se comportam “exatamente como o recalçado”.

Nessa segunda tópica, o eu “é a parte do isso que foi modificada sob a influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pc-Cs* [sistema percepção-consciência] (...), é como que uma continuação da diferenciação superficial”. Freud acrescenta que “o eu é, antes de mais nada, um eu corporal”. Por isso, é preciso apreendê-lo como uma projeção mental da superfície do corpo.

Uma vez repertoriadas as respectivas funções do supereu e do isso, Freud retornou a sua concepção do eu, para traçar dele um quadro trágico, de acordo com sua concepção da condição humana. Ao contrário da representação que a ciência fornecia dele, “o eu não é senhor em sua casa”: “Agora vemos o eu com sua força e suas fraquezas. Ele é encarregado de funções importantes e, em virtude de sua relação com o sistema perceptivo, estabelece a ordenação temporal dos processos psíquicos e os submete à prova de realidade. Intercalando os processos de pensamento, consegue adiar as descargas motoras e domina os acessos à motilidade. Esta última dominação, entretanto, é mais formal do que efetiva, tendo o eu em sua relação com a ação, por assim dizer, a postura de uma monarca constitucional sem cuja sanção nada pode transformar-se em lei, mas que reflete longamente antes de opor seu veto a uma proposta do parlamento. (...) vemos esse mesmo eu como uma pobre criatura que tem que servir a três senhores e, por conseguinte, sofre a ameaça de três perigos, por parte do mundo externo, da libido, do isso e da severidade do supereu.”

Depois de Freud, o eu, sua concepção e as funções de que ele é supostamente a sede iriam constituir um desafio teórico e político a partir do qual se instituiriam correntes contraditórias no movimento psicanalítico.

Assim se formaram duas correntes, destinadas a se tornar dominantes na psicanálise norte-americana: o annafreudismo e a *Ego Psychology*, em torno de Anna Freud\*, por um lado, e de Heinz Hartmann\*, por outro, para privilegiar o eu e seus mecanismos de defesa, em detrimento do isso, do inconsciente e do sujeito\*. Dessa maneira, elas contribuíram para fazer da psicanálise uma terapia da adaptação do eu à realidade.

Em reação a essa normalização, Heinz Kohut\* retomou o conceito de *self* (o si mesmo), introduzido em 1950 por Hartmann, para assinalar uma distinção em relação ao *ego*, e elaborou uma teoria do aparelho psíquico em que o *self* se tornou uma instância particular, que permite explicar os ataques narcísicos.

Outras correntes, como o kleinismo\* e o lacanismo\*, adotam uma orientação radicalmente oposta, na perspectiva de um “retorno ao

inconsciente”, seguindo caminhos que, por outro lado, são bem distintos entre si.

Se Melanie Klein\* enfatiza a fase pré-edípica do desenvolvimento psíquico, consagrando sua atenção ao estudo das relações arcaicas mãe-filho e a seu conteúdo pulsional negativo, o procedimento de Jacques Lacan\* volta-se desde logo para a análise das condições de emergência de um sujeito do inconsciente, apalhado, em sua origem, na armadilha do eu, que é constitutivo do registro do imaginário\*, este conclamado, desde 1953, a se tornar uma das instâncias da tópica lacaniana, ao lado do real\* e do simbólico\*.

Para Lacan, o eu se distingue, como núcleo da instância imaginária, na fase chamada de estágio do espelho\*. A criança se reconhece em sua própria imagem, caucionada nesse movimento pela presença e pelo olhar do outro\* (a mãe ou um substituto) que a identifica, que a reconhece simultaneamente nessa imagem. Nesse instante, porém, o eu [*je*] é como que captado por esse eu [*moi*] imaginário: de fato, o sujeito, que não sabe o que é, acredita ser aquele eu [*moi*] a quem vê no espelho. Trata-se de um engodo, é claro, já que o discurso desse eu [*moi*] é um discurso consciente, que faz “semblante” de ser o único discurso possível do indivíduo, enquanto existe, como que nas entrelinhas, o discurso não controlável do sujeito do inconsciente.

Consideradas essas bases, podemos compreender a interpretação lacaniana da célebre frase de Freud nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise\**: “*Wo Es war, soll Ich werden*”. Lacan traduz essa frase da seguinte maneira: “Ali onde isso era, eu devo advir.” Para ele, trata-se de mostrar que o eu não pode surgir no lugar do isso, mas que o sujeito (*je*) deve estar ali onde se encontra o isso, determinado por ele, pelo significante.

\* Sigmund Freud, *La Naissance de la psychanalyse* (Londres, 1950), Paris, PUF, 1956; *Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904*, Frankfurt, Fischer, 1986; *A interpretação dos sonhos* (1900), *ESB*, IV-V, 1-660; *GW*, II-III, 1-642; *SE*, IV-V, 1-621; Paris, PUF, 1967; *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *ESB*, VII, 129-212; *GW*, V, 29-145; *SE*, VII, 123-243; Paris, Gallimard, 1987; “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (1910), *ESB*, XI, 197-206; *GW*, VIII, 94-102; *SE*, XI, 209-18; *OC*, X, 177-86; “Sobre o nar-